

24 AGO 1988

ANC p 11

AUC V

JORNAL DO BRASIL

Opini  
JORNAL DO BRASIL

# Hora antecipada

Villas-Bôas Corrêa

O presidente José Sarney está praticamente fora do jogo político que se trava nos campos da Constituinte e da campanha para a eleição municipal de 15 de novembro. O desligamento foi lento, gradual, assinalado por desencontros e atritos até o rompimento oficializado no duelo oratório entre Sarney e o presidente que está em todas, doutor Ulysses Guimarães. Ali, Sarney recolheu-se ao governo, encolhido e mais solidário e Ulysses, na pose resplandecente de vitorioso, empalmou a representação simbólica da Constituinte em ressurreição reabilitadora, brandindo o texto da futura Constituição "com cara e cheiro de povo", como bandeirola a ser empunhada pela mão vazia do PMDB.



O governo isola-se, refluí para a convivência dos confiáveis, dos que permanecem solidários. Cada vez menos PMDB - da legenda de Ulysses, bem entendido — e mais PFL - não a sigla do senador Marco Maciel, mas da banda que nasceu no governo e para ser governo. As caracterizações partidárias devem ser entendidas no seu sentido mais denso e verdadeiro. O PMDB, — com o seu jeito da falecida UDN dos bons tempos, antes da degradação da velhice e da morte abjeta - não gosta de governo, é mais chegada à oposição. Como o seu detestado ex-parceiro, PFL, lava-se nas águas oficiais e torce o nariz para as canseiras da oposição. O que não se desmente pela exceção de raros pefelistas que refugam o governo ou de pemedebistas às pencas lambendo os dedos bezuntados de mordomia.

Mas, a evidência é que o presidente José Sarney afastou-se da Constituinte e está tentando arrumar o governo para ajustá-lo à realidade das normas que estão sendo aprovadas no segundo turno, à sua revelia. E mais: contra ele, na reação irada às denúncias do discurso que deflagrou a ruptura.

Fora da Constituinte, em nova postura de acatamento democrático às suas decisões soberanas, Sarney perdeu também as condições de participar e influir nas eleições municipais. Nenhum candidato deseja o apoio às claras de um governo impopular. A ajuda por baixo do pano está cada vez mais fora das possibilidades do governo asfixiado pela crise econômica, de cofres raspados, amargando a necessidade de impor cortes no orçamento para 89 e perder peso de estalo, passando de obeso a magricela.

Portanto, as circunstâncias transformaram o governo, cobrindo-o com o impermeável da isenção. Quase compulsória mas nem por isso menos significativa. Até porque projeta a clara probabilidade da mesma postura na sucessão presidencial do ano que vem.

Na reciclagem de objetivos, com o arquivamento de ilusões de liderança, sobram a Sarney as duas metas fundamentais: concluir a transição democrática e passar a faixa ao sucessor eleito diretamente e com maioria absoluta, com o país em relativa ordem, as finanças sob controle. Não é outra coisa que Sarney vem repisando em pronunciamentos recentes.

Ora, fechar a transição e segurar a inflação são objetivos comuns, acima de divisões partidárias. Com o presidente empenhado em alcançá-los como metas prioritárias e em reclusão da militância eleitoral, ficam criadas as condições básicas para um amplo acordo nacional. Até para garantir o final do projeto de transição, afastando o risco de crise com a sua desestabilização.

As tentativas de articulação do pacto nacional falharam pelas desconfianças recíprocas entre os negociadores. Sarney cometeu as primeiras e ingênuas iniciativas do pacto, começando quando o cruzado parecia operar o milagre dos preços congelados para sempre. Teimou mais tarde, em condições adversas. Não foi ouvido nem acreditado.

Ainda agora, empresários da Fiesp e lideranças sindicais andaram se reunindo, conversando, amiudando contactos, apresentando propostas. Nada. Não era a hora, véspera das votações da Constituinte consagrando todos os avanços sociais, sem um único recuo. A trégua não prospera no confronto.

Em avaliação sumária, a hora boa, a perfeita para que parceiros sentem em volta da mesa e se acertem, soará logo depois de promulgada a Constituição e proclamados os resultados das urnas municipais. Antes da sucessão presidencial pegar fogo, exatamente para garanti-la.

A atitude de Sarney pode antecipar a hora. Para já. Se as lideranças confiarem na sinceridade do presidente, reconhecendo que ele está optando pelo possível, pelo melhor para ele, o grande acordo nacional para completar a travessia democrática estará maduro para ser negociado. Sem muitas formalidades, por iniciativa do governo, que é quem pode bancá-lo. Com o presidente saindo na frente, assumindo responsabilidade e iniciativa de definir a proposta e começar a executá-la, realizando a sua parte penosa, em didático esforço de convencimento.

Pode ser já. Ou dentro de mais alguns dias, após as últimas votações dos pontos polêmicos do texto constitucional. Sem necessidade de esperar pelas eleições municipais. Para que, se o governo não se envolver na luta para apoiar candidaturas?

Quanto mais depressa, melhor. A economia está assustando, com a hiperinflação rondando o feijão-com-arroz do Mafson. Se disparar, vai ser um deus-nos-acuda.

O pacto está maduro. Ou quase. Falta a ousadia do gesto para esticar a mão e colhê-lo. Antes que apodreça e se despenque, esborrachando-se no chão.